

O GOLPE MILITAR DE 1964 E A LITERATURA SUBVERSIVA

Margareth Maura Santos¹

RESUMO: Este artigo intenta refletir acerca dos acontecimentos ocorridos no Brasil em 1964 devido ao Golpe Militar sucedido no governo. Trata-se de um momento de tensão vivido no país, constituído por ações ditatoriais impostas pelos militares à população, cuja participação esteve silenciada pela censura. No entanto, alguns grupos sociais ousaram e organizaram movimentos de resistência a este sistema, e um deles foi precedido pela música nos festivais, o qual subverteu o modo de fazer literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Golpe Militar, Literatura Subversiva, Ditadura.

MILITARY COUP OF 1964 AND SUBVERSIVE LITERATURE

ABSTRACT: This article intend to reflect about the facts in Brazil during the Military coup of 1964. The moment was tense on the country because the actions's dictatorship realized for military at population. And the people were silent for censure. However, some social groups organized movement of resistance against this system and a group was Music Festivals, whose subversive the literary creation.

KEYWORDS: Military coup, Subversive literature, Dictatorship.

“O escrito é como uma cidade, para a qual as palavras são mil portas.”
Walter Benjamin

Introdução

O percurso político brasileiro foi construído por diversos movimentos sociais, os quais mobilizaram também os grupos culturais. Nessa trajetória, a literatura e as artes são contribuidoras para o processo de formação da sociedade e representação destas no mundo.

Na década de 1960 o Brasil atravessou momentos de tensão, uma vez que se constituía de diversos partidos políticos e de dois movimentos políticos de direita e de esquerda. Os de esquerda almejavam as reformas políticas e econômicas no país

¹ Mestre em Letras e Ciências Humanas pela Universidade do Grande Rio.

direcionadas para o coletivo, representavam o povo. E o de direita representava a burguesia. Diante desse cenário, o país era palco de grandes manifestações como greve de operários, camponeses, sindicalistas e estudantes. Ianni (2004) afirma que as manifestações extensas e difíceis relativas à cultura reavaliam os problemas entre a cultura e a nação.

Esses problemas foram notórios com a aplicação do Golpe Militar de 1964 no país, com a imposição da ditadura e do apagamento das vozes presentes na cultura brasileira. Muitos escritores, estudantes, jornalistas e idealizadores da democracia foram silenciados e tiveram que conviver com o exílio ou submetidos à tortura.

Retomando a epígrafe de Benjamin destacada no início deste trabalho, esta tem valia no período da ditadura porque alguns compositores e escritores conseguiram passar pela censura e fizeram uso da escrita para subverterem e romperem as portas que explicitaram as atitudes do governo perante a população.

Discutiremos nesse estudo, os fatos políticos e sociais de 1964 que bailam a nossa história e destacaremos algumas composições musicais que marcaram esse período, até os dias atuais são materiais e alimento concreto para a escritura de um novo país.

1. Aspectos Histórico e Literário no país durante o Golpe Militar de 1964

O cenário político brasileiro em meados da década de 1950 e início de 1960 foi marcado por manifestações sindicais, estudantis, empresariais reivindicavam a ordem constitucional e as tentativas de intervenções militares.

O governo de João Goulart, Jango, esteve sustentado às sombras do golpe militar, visto que fora pressionado por dois lados, os de direita e os de esquerda. Há opiniões repletas de controvérsias, alguns dizem que Goulart era demagogo, comunista e corrupto. Outros mencionam que ele era burguês e movimentava as massas. Esses dois posicionamentos quanto à Goulart dariam subsídios ao golpe.

No entanto, muitos historiadores e pessoas que vivenciaram a época, concordam que Jango era “populista”. Conforme Toledo (1986, p.9) o período de 1961/1964 “deve ser visto como um momento privilegiado da vida política brasileira posto que nele ocorreu uma polarização política e ideológica com dimensões inéditas e com características singulares”. Esse período propiciou para que diversos grupos sociais

pudessem reivindicar seus direitos, fazendo valer a democracia. Desse ponto, fez com que os dois lados políticos lutassem por garantias que perpassam seus interesses sociais.

Esse governo teve dois sistemas de governo, o primeiro parlamentarista e o segundo, presidencialista. O sistema parlamentarista foi instituído porque o país encontrava-se endividado e os projetos do presidente Goulart não poderiam ser concretizados. Uma vez que, com a implantação desse sistema, o poder estava concentrado nas mãos do ministério. Assim impediria o golpe militar, e as intervenções dos civis e também, dos próprios militares. Porém, mais tarde devido a algumas manobras quanto às nomeações aos cargos de ministros, e deflagração de plebiscitos, Goulart realizou uma campanha para retornar ao presidencialismo.

Com relação ao regime presidencialista caracterizado por organizações de camponeses, militares, empresários e operários. De acordo com Ferreira (2003, p.366),

o presidente vivia um momento difícil, sobretudo em relação às bases políticas e sociais que sustentaram toda a sua trajetória: trabalhadores e sindicalistas, castigados pela inflação, demonstravam descontentamento; as esquerdas, contrariadas, denunciavam com críticas duríssimas a sua ‘política de conciliação’.

Ao deparar com tal ocorrência, Jango retomou o discurso sobre as reformas, em específico, a agrária, propondo algumas medidas para a concretização desta. Contudo, houve um fracasso nas tentativas, as quais levaram ao crescimento da dívida externa.

Após o discurso de Goulart e Brizola no centro do Rio de Janeiro em março de 1964, o qual afirmava as reformas de base, ocasionou o afloramento das tomadas pelo governo por parte dos militares. Da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, reuniram-se militares para organizarem tropas rumo ao Rio de Janeiro para deporem Goulart e ocuparem o governo do país. Por outro lado, Brizola havia apelado ao presidente que resistisse às ameaças militares. Jango decidira exilar-se no Uruguai. “João Goulart viu seu governo nascer, viver e morrer à sombra das armas.” (FERREIRA, 2003, p. 116).

Diante do Golpe Militar de 1964, a imposição ditatorial permeava o Brasil, as pessoas que não submetessem a este sistema político eram reprimidas, partia para a censura até a tortura, de modo que muitos tiveram que recorrer ao exílio em outros países.

O governo armado instaurava a ideia de ordem geral no país, onde foi instituída a censura. Os meios de comunicação, como a imprensa brasileira, principalmente, os

jornais foram proibidos de publicarem notícias sobre a realidade política da época. Livros, peças teatrais, músicas e outras formas artísticas eram vistoriadas pelos censoriadores.

Em Juiz de Fora, jovens e idealizadores da democracia no país reuniam-se na rua Halfeld e em outros lugares como a livraria Sagarana, bar Jota Chopp, café Salvaterra entre outros. O professor José Luiz Ribeiro naquela década, ainda estudante da UJFJ, havia criado com outros colegas o Grupo Divulgação, cujas peças teatrais retratavam a realidade de modo metafórico.

Além da repressão, o governo criou o Ato Institucional 5 – AI 5 em 1968, o qual concedia poderes plenos ao presidente da república em que ele poderia suspender os direitos políticos, por 10 anos, a proibição de manifestação política e determinação da censura prévia para jornais, revistas, livros, teatro e músicas.

Nessa concepção, tornaram-se sufocadas e silenciadas as vozes diante da ditadura, em protestar contra o governo e o novo modo político que o país vivenciava. O contexto literário situava-se num terreno pernicioso pela autoridade militar. Com isso, havia um vasto conteúdo para a produção textual literária.

Diante desta conjuntura, jornalistas e escritores descortinam nos livros a situação do país que eram proibidas de serem divulgadas num diálogo literário rebuscado. Segundo Dalcastagnè (1996, p. 45):

Desde o século passado os dois gêneros vêm se aproximando e se transformando mutuamente. Seja na linguagem, seja no que diz respeito a seu conteúdo social – tão caro aos naturalistas – as influências foram recorrentes e, muitas vezes, decisivas. Nem poderia ser diferente, se lembrarmos que os “homens de letras” foram pouco a pouco ocupando as mesas de redações. Com isso, o jornalismo ia tomando uma forma mais literária, e a literatura, conseqüentemente, contaminando-se com o estilo direto e objetivo dos jornais, sem perder a própria originalidade.

A partir desse diálogo entre os dois profissionais, os textos literários eram aprovados pela censura e publicados, evidenciando aos leitores de modo metafórico e antagônico as condições que o país presenciava caladamente.

No momento de tamanha opressão, deram vida aos festivais musicais em duas emissoras de televisão, Excelsior e Record na década de 1970. As letras musicais eram vistoriadas pelos ditadores e também os programas a serem exibidos.

Escritores, músicos e compositores inquietos por estarem silenciados, apropriaram da música diante daquele momento de opressão, movidos pela utopia e a vontade de lutar com as

palavras pela liberdade de expressão para darem vozes aos seus sentimentos sufocados e serem tanto autores como também protagonistas da história de nosso país.

2. A literatura subversiva

Devido à censura, muitos livros e artigos foram vetados à publicação por conterem aspectos que revelariam os acontecimentos políticos no governo militar. Poucos livros como alguns romances conseguiram aprovação para publicação e venda no país, como de Ivan Ângelo, Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, Moacir Scliar. Já no campo da música, houve um conjunto que apresentavam aspectos contra o poder ditatorial com uma linguagem paradoxal permeada por metáforas. Cantores como Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil entre outros representaram este cenário.

Selecionamos para análise músicas dos compositores, Geraldo Vandré, Caetano Veloso e Zé Keti, cujas participações contra a repressão foram de grande relevância para questionamentos sociais e políticos em nosso país.

O compositor e músico Geraldo Vandré escreveu a letra de **Pra não dizer que não falei das flores**, e inicia com os seguintes versos:

*Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção*

Os dois primeiros versos seriam a marcha do povo a continuar a luta por seus direitos e a notoriedade em poder se expressar. Para Bollème (1988, p.139) “o povo é alguém sem ser ninguém. Só consegue se impor quando se produz uma verdade que afirma ser ele o autor-ator de um pronunciamento. Do choque de todas as opiniões resulta um pronunciamento que é a voz da verdade e que não se apaga”.

Vandré em sua canção já no início demonstra o valor do pronunciamento, isso é representado pelo valor semântico das palavras caminhando e cantando, até demonstrado no verbo ‘seguir’. Este sinônimo de continuidade da própria afirmação do indivíduo.

Em seguida, o autor lembra aos leitores, ouvintes que todos são iguais, unidos pelas mesmas ideias ou não. Seria a consciência de classe, que nos coloca de frente ao outro, independente de classe social como o próprio compositor descreve ao ditar os contextos sociais.

Na obra há ainda o desejo pela transformação, evidenciado pelo chamamento.

*Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer*

O recorte acima revela ao povo que a conformação e o silenciamento faz com que não haja o entendimento e a mudança, portanto não vale esperar “acontecer” e sim ser ator e construtor da história.

A questão da democracia e da revolução instituída pelo povo, porque ele é quem necessita da transformação. No período do regime militar, não se podia reivindicar as reformas de base e nem outros direitos devido à repressão e o sistema ditatorial. Vandrê descreve nitidamente no fragmento abaixo essas questões.

*Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão*

O campo exigia pelos trabalhadores a reforma agrária, o direito de repartição das terras aos camponeses. Os indecisos cordões representavam os protestos contra as leis impostas pelo governo. As flores explicitavam a paz, a união do povo ao vencer os militares, a esperança de tempos melhores.

De acordo com Ianni (2004, p. 176) “é o povo que mais frequentemente coloca a questão da democracia para os diferentes setores sociais e a sociedade como um todo.” Os protestos fazem com que o governo se sinta retraído e pressionado, ainda percebiam a força do povo. Daí sintetiza-se a composição social e o interesse das minorias em obter a liberdade.

Quanto ao aspecto estilístico, o texto apresenta propriedades rítmicas entre os versos, a melodia de cada frase, além da representatividade e figuratividade evidenciadas na obra.

*Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição
De morrer pela pátria
E viver sem razão*

O exemplo de repetição ou ritmo é descrito em todo o texto, no fragmento acima é evidenciado pela combinação entre as palavras armados/perdidos; não/mão; lição/razão.

Ainda há a representação dos personagens soldados que neste trecho configuraria o povo alienado, do qual acreditava no posicionamento do governo, e que o comunismo e as reformas eram propostos não favoráveis para a sociedade. E este mesmo soldado submetido à imposição de que morrer pelo país seria o melhor, ou seja, sem que ele conscientizasse em lutar por seus direitos e de todos os outros.

A música de Zé Ketí, **Acender as velas**, remete às condições desfavoráveis da favela no período do regime militar.

*Acender as velas
Já é profissão
Quando não tem samba
Tem desilusão
É mais um coração
Que deixa de bater
Um anjo vai pro céu
Deus me perdoe
Mas vou dizer
O doutor chegou tarde demais
Porque no morro
Não tem automóvel pra subir
Não tem telefone pra chamar
E não tem beleza pra se ver
E a gente morre sem querer morrer*

O texto mostra a precariedade das favelas no país sem iluminação elétrica, a ausência de transporte público, calçamento nas ruas, comunicação escassa como telefones públicos e a desigualdade das casas, formadas por compensado ou madeira.

Devido à falta de saneamento básico e água encanada o povo só tende a morrer pelas péssimas condições ofertadas nas favelas.

Ao tratar da representação social do favelado por parte do autor Zé Ketí em sua composição, demonstra o descontentamento deste com relação ao sistema de governo imposto no país no período da década de 1960.

Visto que esta minoria vivia à margem dos outros grupos como os de estudantes, sindicalistas e empresários de classe média seriam os últimos a tentarem ser ouvidos. Para Sodré (2005, p. 14) “minoría é uma recusa de consentimento, é uma voz de dissenso em busca de uma abertura contra-hegemônica no círculo fechado das determinações societárias”. Nessa perspectiva, o repertório de Zé Ketí por meio do samba surge como modo dessa recusa do sistema imposto na época, e a luta por condições de vida melhor.

Caetano Veloso questionava as mudanças culturais ocorridos no mundo e no Brasil durante o regime militar, e compôs a canção **É proibido proibir**:

*E eu digo não
E eu digo não ao não
Eu digo: É!
Proibido proibir
É proibido proibir*

O valor semântico da palavra “proibir” induz à imposição e ao foco para o poder sobre o outro. E Caetano nos seus versos diz que é proibido proibir e ainda, eu digo não ao não. Seriam as negativas que se tornam positivas. Dizer não à censura que calava a todos e impediam qualquer forma de expressão.

A reclusa, o exílio, os fechamentos de lojas, cafés, livrarias não deslegitimaram a produção cultural e histórica no país:

*Me dê um beijo meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em chamas
Derrubar as prateleiras
As estantes, as estátuas
As vidraças, louças
Livros, sim...*

Caetano utiliza das metáforas para mostrar as ações dos militares contra a democracia e a composição de forças contra a hegemonia que havia se formado.

Ianni (2004, p. 175) postula que “a democracia somente se torna efetiva se abrange também as condições culturais. Os valores e padrões culturais, os modos de viver e pensar, a condições materiais e intelectuais de vida...”. Por isso, derrubar as prateleiras, estantes e livros resulta num povo sem acesso à cultura e desenvolvimento cultural, e a classe dominante, os militares que detinham o poder, não era interessante para eles a democracia e um povo consciente.

O músico e compositor ainda nos atenta quanto aos signos linguísticos da morte, areal, hora adversa, a desventura, o sonho e Deus ilustrados em sua música:

*Cai no areal na hora adversa que Deus concede aos seus
para o intervalo em que esteja a alma imersa em sonhos
que são Deus.
Que importa o areal, a morte, a desventura, se com Deus
me guardei
É o que me sonhei, que eterno dura e esse que regressarei.*

Começo por Areal, a terra que suga, absorve os sonhos, as ideologias de liberdade, democracia e igualdade no país. A figura de Deus tem-se como símbolo de soberania. O povo teve o azar dos sonhos caírem em mãos erradas, porém nada disso tem valor porque o que o indivíduo luta sempre valerá e certamente, as situações mudarão.

Essa paixão pela pátria, fez com que os personagens de nosso estudo, Vandré, Keti e Veloso subvertissem todas as ideias predominantes em 1964 e instituídas pelo Golpe Militar contra as reformas e outras solicitações do povo, representados pelo movimento de esquerda.

Considerações Finais

Resgatar alguns fatos históricos brasileiros reaviva a memória e a identidade de um povo. O momento do Golpe Militar de 1964 atrelou-se a uma infinidade de interesses políticos e econômicos que condicionaram pessoas à reclusão, à morte e ao silêncio por tentarem “fazer acontecer” concretizar o direito de igualdade e da democracia.

Goulart desde sua posse à presidência teve seu governo às sombras dos mandos e desmandos dos militares e da burguesia, além da influência dos Estados Unidos. Apesar do apoio de Brizola sentiu-se perseguido pela própria população em não o apoiarem em permanecer no controle do país.

A ditadura representada pela censura fez com que muitos ideologistas reagissem à imposição que cobria o Estado, muitos escritores, literários e jornalistas viram suas obras vetadas e apreendidas das prateleiras das livrarias. Contudo, os festivais foram o meio para a propagação do grito pela liberdade e pelo direito de mover o mundo. Vandré e Veloso sofreram com a repressão demonstraram-nos com suas obras que quem sabe faz a hora e ainda, é proibido proibir porque os sonhos são eternos e duram.

A literatura é importantíssima porque torna caminhos possíveis para a confirmação da história por meio da linguagem, seja ela subversiva ou não. Através da cultura, no modo de fazer a literatura na década de 1960 e 1970, resultados foram aflorados para que todos na atualidade pudessem ser independentes na maneira de se expressar.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BOLLÈME, Geneviève. **O povo por escrito**. 1ed., São Paulo: Martins Fontes. 1988.

DALCASTAGNÉ, Regina. **O espaço da dor - O regime de 64 no romance brasileiro**. Brasília: Editora UnB. 1996.

FERREIRA, Jorge. **O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves.(orgs.) O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p.343-404. 2003.

IANNI, Octavio. **Pensamento social no Brasil**. Bauru,SP: EDUSC. 2004.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria**. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. (orgs). Comunicação e Cultura as minorias. São Paulo: Paulus. p.11-14. 2005.

TOLEDO, Caio Navarro. **O governo Goulart e o golpe de 64**. 7ed. São Paulo: Brasiliense. 1986.

Músicas:

Caetano Veloso. **É proibido proibir**. Disponível em: <http://letras.mus.br/caetano-veloso/395621/> Acessado: Nov. de 2013.

Geraldo Vandré. **Pra não dizer que não falei das flores**. Disponível em: <http://letras.mus.br/geraldo-vandre/46168/> Acessado: Nov. de 2013.

Zé Keti. **Acender as velas**. Disponível em: <http://letras.mus.br/ze-keti/197272/> Acessado em Nov. de 2013.